

MEMÓRIA DAS CIDADES

coleção dirigida por Henry Dougier  
com um comitê internacional de historiadores:

Maurice Agulhon (Paris)

Peter Burke (Cambridge)

Neil Harris (Chicago)

Klaus Herding (Hamburgo)

Yves Hersant (Paris)

Jacques Le Goff (Paris)

Claudio Magris (Trieste)

Carlos Martínez Shaw (Barcelona)

Elikia N' Bokolo (Paris)

Jacques Revel (Paris)

Rudolf Von Thadden (Göttingen)

Supervisão da edição brasileira:

Prof. Francisco José Calazans Falcon

Professor do Departamento de História, IFCS/UFRJ

Ex-professor titular do Departamento de História, UFF

*Volumes iniciais da coleção:*

LISBOA ULTRAMARINA

1415-1580: A invenção do mundo  
pelos navegadores portugueses

TOLEDO, SÉCULOS XII-XIII

Muçulmanos, cristãos e judeus:  
o saber e a tolerância

LONDRES, 1851-1901

A era vitoriana ou o triunfo  
das desigualdades

BERLIM, 1919-1933

Gigantismo, crise social e avant-garde:  
a encarnação extrema da modernidade

# Toledo, séculos XII-XIII

## Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância

*Organizado por Louis Cardaillac*

*Tradução:*  
Lucy Magalhães

*Revisão técnica:*  
Francisco José Calazans Falcon  
*em colaboração com*  
Nelma Garcia de Medeiros

Jorge Zahar Editor  
Rio de Janeiro

Título original:  
*Tolède XII-XIII<sup>e</sup>*  
*Musulmans, chrétiens et juifs:*  
*le savoir et la tolérance*

Tradução autorizada da primeira edição francesa,  
publicada em 1991 por Éditions Autrement, de Paris, França,  
na Série Mémoires, dirigida por Henry Dougier.

Copyright © 1991, Éditions Autrement

Copyright © 1992 da edição em língua portuguesa:

Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031 Rio de Janeiro, RJ

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Editoração eletrônica: Delta Line Composições e Edições Ltda.

Impressão: Tavares e Tristão Ltda.

ISBN: 2-86260-318-X (ed. orig.)

ISBN: 85-7110-246-5 (JZE, RJ)

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

T58 Toledo, século XII-XIII: muçulmanos, cristãos e judeus:  
o saber e a tolerância / organizado por Luis Cardaillac;  
tradução, Lucy Magalhães; revisão técnica, Francisco José  
Calazans Falcon, Nelma Garcia de Medeiros. — Rio de  
Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.  
(Memória das cidades)

Tradução de: Tolède XII-XIII<sup>e</sup>. Musulmans, chrétiens et  
juifs: le savoir et la tolérance

Anexos  
ISBN 85-7110-246-5

1. Toledo (Espanha) — História — Séculos XII-XIII. 2.  
Árabes — Toledo (Espanha) — História — Séculos XII-XIII.  
3. Cristãos — Toledo (Espanha) — História — Séculos  
XII-XIII. 4. Judeus — Toledo (Espanha) — História —  
Séculos XII-XIII. I. Cardaillac, Louis. II. Série.

92-0685

CDD - 946.43

CDU - 946.42

## Sumário

Um minarete em vez de campanário . . . . . 11  
LOUIS CARDAILLAC

*A cidade de Toledo na Idade Média, principalmente nos séculos XII e  
XIII, se revela muito original e complexa. Como pode uma cidade ser ao  
mesmo tempo o centro da tolerância, das três religiões e da Reconquista?*

### 1. Prólogo

Um toledano diferente . . . . . 17  
LOUIS CARDAILLAC

*Quando ocorrem os grandes descobrimentos, a cidade está inteiramente  
impregnada de cultura muçulmana. Uma testemunha anônima  
"imortal" lembra, no século XV, o passado dessa cidade mitificada nos  
séculos XII e XIII, marcada pelo fim do califado e o recuo do Islã.*

### 2. A chegada dos cristãos

O refluxo do Islã espanhol . . . . . 33  
JEAN-PIERRE DEDIEU

*Potência regional dominante, a Castela de Afonso VI estende seu  
protetorado ao conjunto da Espanha muçulmana e se apodera de Toledo  
em 1085. Durante mais de um século, a cidade será a fronteira da  
cristandade diante do Islã. O intercâmbio cultural se faz entre  
castelhanos, francos misturados aos conquistadores e muçulmanos  
remanescentes.*

## Trinta mil habitantes, uma cidade-fronteira

JULIO PORRES DE MATEO  
DOLORES DE PAZ ESCRIBANO

*É uma cidade de fronteira, de onde partem as expedições contra os reinos muçulmanos da Andaluzia ocidental e de Múrcia, que os monarcas castelhanos tentam conquistar. Ali, são muitos os guerreiros.*

**N**os séculos XII e XIII, Toledo continua a provocar a admiração dos recém-chegados. É uma grande cidade, bem povoada. Cerca de trinta mil habitantes se acumulam no recinto cercado de muralhas, reforçadas e aumentadas por Afonso VI, rei que a arrancou ao poder do Islã: esse aumento era necessário para proteger Arrabal, o subúrbio *extramuros* criado, na época da independência, pela família Di-I-Nun, da qual um dos membros, o rei al-Ma'mun, reunira a corte mais culta, mais luxuosa, mais poderosa da península. Foi seu neto, Alcadir, um incapaz, que perdeu o reino para os cristãos.

A cidade, que se rendeu sob condição, foi poupada de destruições e saques. Assim, podia-se ainda admirar a beleza dos edifícios muçulmanos: os palácios do soberano e dos nobres, as mesquitas, os banhos públicos... Na época de que tratamos, a atividade de construção é intensa: remodelam-se prédios, a fim de responder às necessidades dos novos senhores e às formas de vida cristãs. Palácios e mesquitas adaptam-se a seus novos ocupantes, que precisam de casas e igrejas, mas, tanto o poder de atração do estilo islâmico quanto a abundância da mão-de-obra barata dos mestres-pedreiros muçulmanos fazem com que as novas construções conservem as características do período anterior.

A mistura pitoresca de pessoas de todos os tipos e de todas as

condições é notável. É uma cidade-fronteira, de onde partem as expedições contra os reinos muçulmanos da Andaluzia ocidental e de Múrcia, que os monarcas castelhanos tentam conquistar. No século XII, a cidade é atacada por almôadas e almorávidas... Assim, são muitos os soldados. Os cristãos reforçam sua presença na península, acorrem imigrantes vindos do Norte, e procuram onde se instalar com suas famílias para prosperarem, através do trabalho de suas mãos.

A cidade conserva do seu passado uma importante função comercial, pouco perturbada pelas guerras da Reconquista. Desse comércio participam muitos judeus e muçulmanos que ali residem e que mantêm boas relações com seus correligionários do outro lado da fronteira. Os mercadores encontram-se habitualmente nos mercados, os *zocos* (do árabe *suq*), dos quais alguns são permanentes, outros periódicos, que existem em vários pontos da cidade. O mercado de gado, o *Suq-al-dawab*, como o chamam muçulmanos e moçárabes, o *Zocodaeb*, como dizem os imigrantes do Norte, o futuro *Zocodover*, é o mais célebre. Nessa praça são postos à venda, às terças-feiras, todo tipo de produtos, embora o gado seja o essencial, especialmente as montarias, expostas nas proximidades da Porta dos Cavalos, que dá para o vizinho Alficén: animais de todas as procedências, entre os quais se distingue a fina silhueta dos cavalos árabes, produzidos por al-Andalus.

Ao lado da praça, uma zona de comércio permanente, o bairro do Rei, constituída de muitas lojas e casas, que pertencem ao soberano, cedidas em recompensa aos guerreiros estrangeiros que o ajudaram a conquistar a cidade. A maioria dos habitantes são de origem francesa, embora também se encontrem italianos e ingleses; assim, denomina-se esse setor de bairro dos Francos. A luta contra os infiéis constitui uma extensão da idéia de cruzada, pregada em toda a Europa sob os auspícios do papado. Muitos desses imigrantes são mercadores, atraídos pela riqueza do Sul. Graças a eles, as relações da cidade com os países do Norte se desenvolvem.

O bairro dos Francos abriga muitas lojas de cambistas. Ao lado delas, encontram-se duas zonas comerciais: o mercado da seda (a *Alcaicería*) e a rua dos Mercadores (a *Alcana*). Na primeira, vendem-se produtos de luxo: sedas, jóias, especiarias, artigos finos de couro, couro de Córdova para a decoração de móveis e arreios, armas ornadas de incrustações de filigrana de ouro no bom aço toledano. A riqueza dos produtos explica o fato de que as lojas estejam agrupadas num pequeno espaço, cujas ruas podem ser fechadas, à noite, sob a vigilância de guardas armados. Mais próxima da catedral, a rua dos Mercadores,

onde abundam as lojas dos judeus, instaladas em torno de uma sinagoga, embora o bairro que lhes é reservado, a *Judería Mayor*, compreenda uma zona comercial própria perto da porta de Assuica, uma das que dão acesso à *Judería*.

Há um boato de que as lojas da rua dos Mercadores estão fadadas ao desaparecimento, pois o arcebispo e o capítulo têm a intenção de construir um claustro para a catedral no local que elas acupam. Aliás, compram imóveis para isso, mas a construção da "grande igreja" progride lentamente, e há tempo para negociar. Em meados do século XIII, os entalhadores de pedra, operários nômades regidos por normas próprias, já edificaram o deambulatório e os braços do transepto. São trabalhos de imenso porte, sustentados pelos extraordinários recursos constituídos pelas esmolas dos fiéis e doações reais ou pontificais. Também se venderam aos nobres e a ricos comerciantes as capelas construídas em torno do deambulatório, para que nelas construíssem seus túmulos e os de seus herdeiros. Repousar nesse templo magnífico, perto do lugar visitado pela Virgem Maria, quando desceu do céu para presentear com uma casula santo Ildefonso, defensor de sua virgindade diante dos hereges, é um ideal dos fiéis cristãos; sem falar dos benefícios que retirarão as suas almas das numerosas missas e preces que eles encomendam aos cônegos e aos curas que se encarregam dessas capelas, para cuja manutenção legam muitas terras e outros bens. Essas doações logo farão da catedral o maior proprietário da cidade.

São os clérigos do novo rito latino, importado de Roma, que se beneficiam dessas fundações, pois não há, então, clero moçárabe na catedral. Este atua apenas nas paróquias especiais, que se diferenciam das paróquias latinas pelo fato de que os fiéis pertencem a estas em função de seu domicílio, e às primeiras em função de uma ligação pessoal, de pai para filho, independentemente do local da residência.

Existem, pois, duas comunidades cristãs. O rito latino é imposto por Roma e defendido pelos reis, que importaram um numeroso clero francês, formado principalmente por Cluny, para divulgar a nova liturgia. Ele coexiste com o rito visigótico, dito moçárabe, continuador de formas anteriores à dominação muçulmana. Não há oposição, pois se trata, nos dois casos, de cristãos; mas há diferença e consciência da diferença. É o que ilustra uma lenda que aparece então, o "Julgamento de Deus", que, como se diz, opôs o missal romano ao moçárabe: lançados ambos ao fogo, o missal latino teria sido consumido, ao passo que o outro teria saltado das chamas, intacto; o rei o teria empurrado de novo para a fogueira, para que os dois tivessem o mesmo destino.

Enquanto os povos vindos do Norte utilizam o castelhano, os moçárabes falam e escrevem em árabe. Até os seus nomes, fossem eles tão tipicamente castelhanos como Juan Díaz, eles os assinam em *aljamiado*, representando em caracteres árabes o som de cada letra. Diferentes são também os costumes e as roupas, de influência oriental. Através deles, os castelhanos adotam muitos vocábulos árabes, que, finalmente, se impõem na cidade. O rei Afonso X, o Sábio, decidirá que, em caso de dúvida sobre o sentido de uma palavra da nova língua que está se formando, seguir-se-á o uso de Toledo, pois era ali que estavam representadas todas as línguas com uma base cultural suficiente para determinar o significado de qualquer vocábulo.

Longe do barulho da vida agitada dos mercadores, artesãos e lavradores, os estudiosos criaram um universo para si. Levam uma vida mais retirada, em torno do arcebispo e da corte real. Muitos são os eruditos que vivem e trabalham na cidade. O rei al-Ma'mun já atraía para sua corte os sábios mais prestigiosos do seu tempo, que fizeram escola em Toledo e deixaram sucessores, matemáticos, astrólogos, astrônomos, médicos e botânicos. Depois de um parêntese aberto pela guerra, as bibliotecas e salas de estudo se enchem de novo. Aos seus antigos freqüentadores acrescentam-se, doravante, pessoas vindas de toda Europa, atraídas pelo florescimento da filosofia, das ciências e das artes, quase sem igual no resto do mundo. Dessa concentração nascerá a idéia de um plano de difusão da cultura, dirigido, durante sua primeira fase, pelo arcebispo Raimundo (1124-52), e retomado, no século seguinte, pelo rei Afonso, o Sábio (1252-87): é o que se conhece, em toda Europa, pelo nome de Escola de Tradutores de Toledo.

Raimundo nasceu na Gasconha. De formação beneditina, sabia por experiência como faltavam textos para dar aos estudantes uma boa formação humanista. Educado na sé primacial de Toledo, fez-se mecenas de um grupo de pessoas cultas, bons conhecedores do árabe e do latim, que encarregou de traduzir os numerosos manuscritos muçulmanos conservados na cidade. Os esforços de Dominicus Gundisalpinus, de Iohanes Hispanus (que tinha o nome judaico de Ibn Dawud antes de se converter ao cristianismo) e de Gherardus Cremonensis, auxiliados por muitos colaboradores vindos de toda Europa, permitiram a rápida difusão, no Ocidente, das obras de Aristóteles, Ptolomeu, Euclides, Arquimedes, Hipócrates e Galeno, conhecidas na Espanha pelas traduções e estudos árabes, como os de Averróis.

Muitos eruditos, atraídos pelo prestígio da cidade, vieram a Toledo saciar sua sede de saber: Adelardo de Bath, Guillelmus Statford, Plato

Tiburtinus, entre outros. O próprio Pedro, o Venerável, durante sua viagem à península, sugeriu a tradução, pela primeira vez, do Corão para o latim.

Afonso X, o Sábio, aproveitou a reputação da cidade e a afluência de visitantes ilustres para revitalizar a Escola, no século XII. Nesta segunda fase, traduziram-se, sobretudo, assuntos científicos, nos quais brilhavam particularmente os sábios muçulmanos. Os trabalhos de Al-Kindi, Ibn Sina (Avicena), al-Farabi, Ibn Gabirol, Azarquiel, al-Razi e muitos outros se referiam à medicina, à astrologia, à astronomia (elaboração das Tábuas Alfonsinas, que indicam a posição e o movimento das estrelas), à matemática. A introdução dos algarismos ditos "arábicos" constitui uma contribuição fundamental para a nossa cultura: eles simplificaram bastante os cálculos, principalmente graças à genial invenção do zero, de origem indiana.

Os judeus serviram de mediadores entre as duas culturas, como Abraham al-Faqui, Judah ben Mosé ha-Kohen, Samuel Levi Abulafia, profundos conhecedores do árabe e do românico, herdeiros, além disso, de uma velha tradição erudita própria. Com efeito, os estudos talmúdicos floresciam em Toledo, por causa da importante imigração que, vindo de al-Andalus em meados do século XII, fez da comunidade judaica de Toledo a mais célebre da península.

A Toledo de Afonso, o Sábio, soube acolher os representantes de outros saberes. Homens de letras e poetas famosos, entre os quais o próprio rei, autor de *Cânticos em honra de santa Maria* (*Cantigas em Loor de Santa María*), trovadores do sul da França, embaixadores da Itália e da Alemanha, que apoiavam as pretensões de Afonso ao trono imperial, o embaixador de Granada, reino vassalo, davam seu brilho a uma cidade que conheceu, no século XIII, um grande momento de esplendor.

## 4. Uma capital cultural

## Da grande mesquita à catedral gótica

GENEVIÈVE BARBÉ COQUELIN DE LISLE

*Nos séculos XII e XIII, a catedral é, primeiro, a antiga Grande Mesquita, depois, um imenso canteiro de obras no coração da cidade. Os habitantes de Toledo no século XIII vêm afirmar-se, com a edificação de um coro na vanguarda das pesquisas do gótico francês, a ascensão de um novo poder religioso e político.*

**A** imagem de Toledo, como a vemos hoje, da outra margem do Tejo, com suas casas coladas umas às outras, descendo para o rio, no flanco sul da colina, enquanto surge, no centro, a silhueta insólita e majestosa da catedral, se impõe com tal força à nossa contemplação que é difícil fechar os olhos para apagar essa visão e tentar recriar a Toledo do século XII, e depois a do século XIII.

Na verdade, a imagem que se apresentava no século XII àquele que contemplava Toledo do mesmo lugar era ainda a da cidade muçulmana, cidade de tijolos ocres ou avermelhados, de acordo com a hora do dia, mais homogênea, ousaríamos dizer, sem a presença dessa massa de pedra, cujo caráter exótico, nesse conjunto, foi notado por todos os historiadores da arquitetura.

Se quisermos realmente compreender até que ponto a catedral de Toledo é o símbolo da tomada, e depois da consolidação do poder da Igreja sobre a cidade, devemos evocar a cidade nos anos imediatamente posteriores à Reconquista e o que era então o bairro onde se ergue atualmente a catedral.

Toledo, no momento de sua reconquista pelos cristãos, apresentava a distribuição habitual das cidades islâmicas: *alcazaba*, *madīna*, subúrbios ou bairros (*arrabales*) e arredores.

A *alcazaba* é o último reduto fortificado da cidade. Em Toledo, era

chamada Alficén ou Ceñidor. Sua construção parece dever-se a Abd-el-Rahman III. Construíra-se ali anteriormente um alcázar que ainda servia de residência à guarnição na época do reino de *taiifa*, enquanto al-Ma'mun, movido pelo desejo de rivalizar com os soberanos islâmicos, mandou construir um conjunto de palácios que se chamariam depois Palacios de Galiana. Em razão da topografia, essas construções foram dispostas em terraços. O conjunto era composto de vários pavilhões, salões e jardins, o que facilitará mais tarde a sua divisão entre várias comunidades religiosas: convento de San Pedro en Alficén e Concepción Francisca.

Essas construções eram completadas por outras, cuja existência só conhecemos através de documentos: uma mesquita, um balneário. Chegava-se ao recinto por diversas portas: uma, na ponte de Alcántara, era precedida de uma espécie de reduto que impedia o acesso pelos lados, outra estava situada a oeste.

A *madina*, ou cidade propriamente dita, compreendia todos os elementos necessários à vida religiosa, política e intelectual, às atividades econômicas e comerciais e à moradia.

A vida religiosa, política e intelectual concentrava-se em torno das mesquitas e, principalmente, da Grande Mesquita (*Mezquita Mayor*). Havia pelo menos uma pequena mesquita em cada bairro. Citaremos de memória as de Bib-Mardom, das Tornerías, de Montefrío...

A vida econômica e o comércio concentravam-se em torno da Grande Mesquita e se estendiam em direção ao Alficén. Ali, distinguia-se a *alcaicería*, lugar, edifício ou bairro pertencente ao soberano, onde eram armazenados produtos de luxo ou de importação. Em Toledo, esse edifício estava situado, provavelmente, no Corral de Don Diego.

As *alhóndigas* (*al-funduaq*) eram destinadas a abrigar os comerciantes estrangeiros e também a armazenar suas mercadorias e vendê-las. Havia várias delas, e uma, chamada depois *alhóndiga del Rey*, situava-se perto da Grande Mesquita.

Os *zocos* (*al-suq*), ou *souks*, concentravam-se em torno da Grande Mesquita. Ficavam ali, entre outros, os vendedores de trigo, carne e peixe, os herboristas, os cambistas, alfaiates, ferreiros, peleteiros, sapateiros, oleiros, ourives, tintureiros etc. Também existia um *zoco*, menos importante, no bairro judaico.

No que se refere às zonas residenciais, pode-se afirmar que existia uma em torno da Magdalena e de San Nicolás, enquanto na zona sul se encontravam moradias de categoria inferior. Era nessas zonas de habitação que se viam *adarves* (*darb*), espécie de ruas ou agrupamentos de ruas, com uma ou duas saídas que podiam ser fechadas, principalmente à noite, o que constituía proteção para os seus habitantes.

Os banhos estavam distribuídos pela cidade, e situados mais ou menos ao lado das mesquitas.

A *madina* era completada por uma série de *arrabales* (bairros ou subúrbios). O mais importante era o de bab-Sagra, ao norte. Havia também o dos judeus, com numerosos *adarves* e vários banhos.

Outros lugares importantes estavam situados nos arredores da cidade, por exemplo, o *al-musara*, consagrado aos exercícios hípicas e aos desfiles militares, e que também servia de oratório ao ar livre. Esse lugar público se encontrava perto da *almunya* de al-Ma'mun, residência de repouso do monarca, muito celebrada pelos poetas, e cujos jardins eram irrigados pelas águas do Tejo. É ainda a esse monarca que se deve a construção das célebres clepsidras realizadas por Azarquiel, que eram provavelmente situadas no exterior da Porta dos Curtidores, num lugar identificado posteriormente com a *huerta de la Alcornia*.

Segundo o historiador muçulmano Al-Zuhri, nenhuma cidade do mundo possuía tal maravilha. Essas clepsidras eram dois recipientes de água, fabricados pelo célebre astrônomo Azarquiel, que se enchiam inteiramente durante as fases ascendente e descendente da lua e marcavam assim as horas do dia e da noite.

Essas maravilhosas clepsidras puderam ser contempladas pelos habitantes e visitantes de Toledo até 1134, data em que foram destruídas por ordem do rei Afonso (trata-se de Afonso VII), para que se pudesse observar o seu funcionamento. O historiador afirma que foi um astrônomo judeu, Hamis ben Zabara, quem pedira ao rei permissão de desmontar uma das clepsidras, para estudá-la e aperfeiçoá-la. Depois, mostrou-se incapaz de fazê-la funcionar novamente.

Não há cidade sem um lugar para enterrar os mortos, e devemos pois fazer alusão ao cemitério, situado *extramuros*, na única zona não banhada pelo Tejo, embora sua localização exata suscite discussões.

Pudemos ver, através da evocação precedente, a importância das atividades concentradas no bairro em torno da Grande Mesquita, ou Aljama. Ora, é nesse bairro, no local dessa mesquita, que será implantada, no século XIII, a nova catedral.

Devemos tentar refazer o percurso que, a partir da reconquista cristã em 1085, nos conduzirá da Grande Mesquita, primeiro transformada em igreja, à rival que a suplantará, a catedral gótica à moda européia.

Sabe-se que a Grande Mesquita de Toledo fora construída no local de uma igreja preexistente, que devia ser importante, embora não se tenha podido saber o seu nome na capital dos visigodos.

Alguns textos fazem alusão à reconquista da cidade e à transformação da Grande Mesquita em igreja. Assim, Al-Nuwayri situa esse fato

depois da tomada da cidade por Afonso VI, acrescentando que este deixou uma outra mesquita aos muçulmanos e os indenizou pelos bens perdidos. Outro autor, Ibn Bassam, dá uma versão diferente dos fatos e conta que o soberano, constatando que não podia se aliar aos muçulmanos, decidiu profanar a Grande Mesquita e convertê-la em igreja. Isso teria ocorrido em 1102, e suas tropas teriam irrompido na mesquita e começado a demolir o lugar mais sagrado, a *qibla*.

Quanto às fontes cristãs, principalmente *De rebus Hispaniae*, do arcebispo Jiménez de Rada, retomado pela *Primeira crônica geral*, preferem atribuir a responsabilidade dos fatos à rainha Constância e ao arcebispo durante uma ausência do rei, que teria ficado irritado com eles, de tal sorte que os muçulmanos, impressionados com essa cólera real e convencidos pelo *alfaqú* Abu Walid, teriam cedido voluntariamente a mesquita aos cristãos.

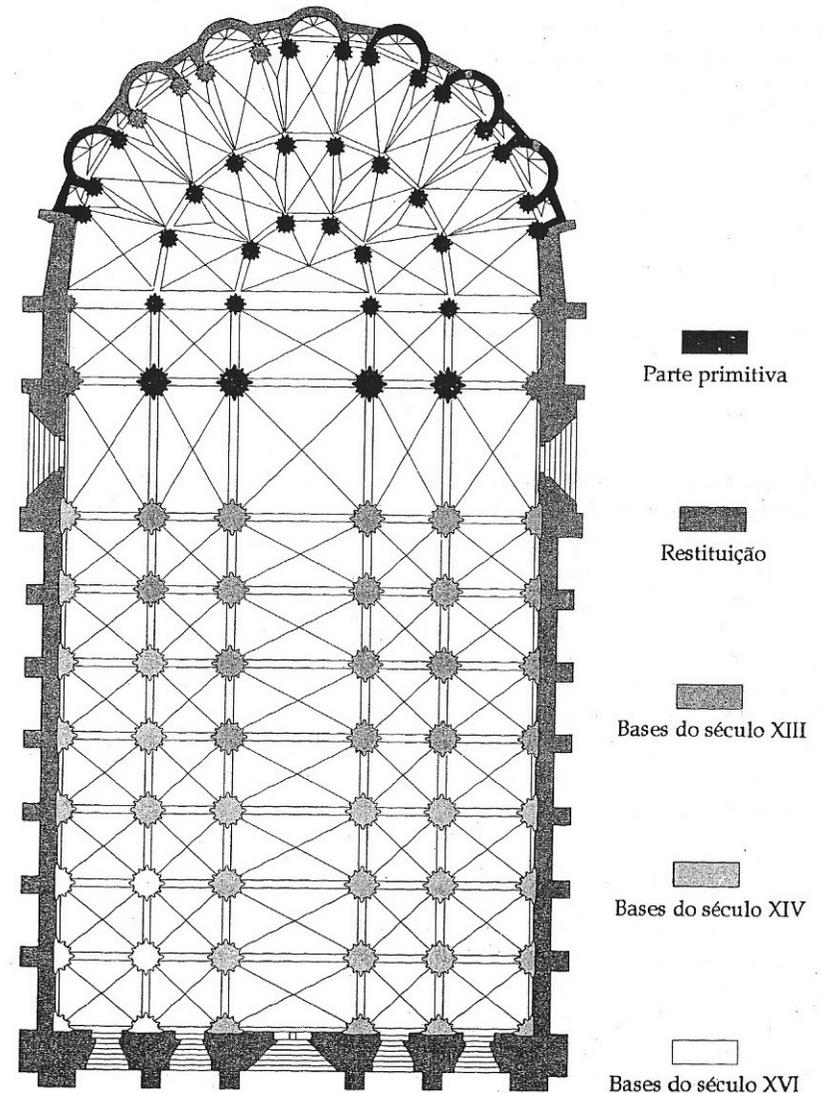
A realidade é que Bernardo de Sédillac, abade de Sahagún, foi, desde 1086, o primeiro arcebispo da cidade reconquistada e que o ato de doação foi assinado um mês depois. Um ano e meio, aproximadamente, após a chegada dos cristãos, a mesquita se tornara igreja, mas conservou ainda durante algum tempo o nome de *aljama*. Em contrapartida, um século mais tarde, um ato de venda faz alusão à catedral de Santa Maria e à sua torre, mas não se tratava, pois, dos elementos da antiga mesquita, cujo traçado não foi modificado, talvez, até 1221, quando interveio o arcebispo Rodrigo Jiménez de Rada. A antiga Grande Mesquita foi, assim, durante todo o século XII, e mesmo depois disso, a catedral da nova Toledo cristã.

Como se apresentava essa Grande Mesquita de Toledo, que se transformou em catedral? Nenhum texto fornecia uma resposta a essa pergunta. Entretanto, uma prospecção geofísica efetuada por volta de 1980 por R. Ortiz Ramis e A. García no subsolo da catedral permitiu reconstituir, não sem algumas reservas, o plano e a disposição da mesquita.

A sala de orações, de plano retangular, estava orientada na direção sudeste, quase sul, como as primeiras mesquitas de al-Andalus. Era prolongada ao norte por um *sahn* ou pátio, cuja localização correspondia a uma parte do claustro atual da catedral.

Além da prospecção geofísica, foi por um estudo que utiliza um método comparativo que Clara Delgado, autora de um notável estudo sobre a Toledo islâmica, publicado em 1987, tentou uma reconstituição mais precisa. Segundo ela, a mesquita de Toledo teria 11 naves, como as das grandes cidades islâmicas da sua época: Córdoba, Sevilha, Granada. A nave central devia ter uma largura que ultrapassava de dois côvados a das naves laterais.

### Planta refeita da catedral



Assim, a sala de orações media 61,10m de largura por 39m de comprimento, e a largura entre os suportes de suas naves laterais era de 5,47m, para 6,41m para a nave central, o que se aproxima das dimensões das mesquitas de Córdoba, Almería e Medina Azahara, às quais ela também se assemelhava pela divisão do espaço e pelo sistema de cobertura.

Pode-se tentar imaginar o esplendor interno do edifício a partir dos elementos da mesquita incorporados à atual catedral. Trata-se de um capitel compósito, com duas fileiras de folhas de acanto, apresentando uma silhueta muito estilizada, coroado por um ábaco, e cuja decoração muito clássica levaria a datá-lo da primeira metade do século X, e de cinquenta e quatro colunas em mármore de cor, que foram geralmente consideradas de origem islâmica. Elas lembram as colunas usadas na ampliação feita por al-Hakam II na mesquita de Córdoba, mas são mais altas — cerca de 1,70m, ao invés de 1,51m — provavelmente em virtude de seu papel de sustentação, ao passo que as de Córdoba tinham função essencialmente decorativa. Infelizmente, ignora-se a sua localização na mesquita, e é preciso contentar-se em sonhar contemplando a beleza de sua execução e do seu material: algumas são lisas, outras caneladas, e a variedade das cores do mármore é grande: cinza, branco, avermelhado... Estão situadas principalmente na capela de Santa Lucía e no coro da catedral.

É provável que, no início do século XIII, a antiga mesquita transformada em catedral tenha se deteriorado. Por outro lado, razões de ordem política impunham talvez, nessa virada decisiva na história do reino de Castela, a construção de uma grande catedral em Toledo, como se fazia em Burgos e como se fará mais tarde em Leão.

Em 1209, Rodrigo Jiménez de Rada, conselheiro do rei Afonso VIII, foi nomeado arcebispo de Toledo. Esse prelado estivera em Bolonha e em Roma, e depois em Paris, onde estudara na Sorbonne. É provável que tenha voltado a Paris, por volta de 1211, e visto a catedral de Notre-Dame quase inteiramente terminada. Também visitou a abadia de Saint-Denis, lugar da sepultura dos reis de França, construída meio século antes pelo abade Suger. Não é, pois, surpreendente que, ao visitar com o rei Fernando III a catedral de Toledo, como relata a *Primeira crônica geral*, esta lhe tenha parecido muito velha e que o rei tenha pensado que seria bom utilizar os bens conquistados aos seus inimigos na reforma da catedral.

Em 1222, uma bula papal autorizava o arcebispo a usar a quinta parte das rendas da sua diocese na construção de uma nova catedral. A primeira pedra foi lançada solenemente em 1226, mas os trabalhos já tinham começado há vários anos. Os donativos aumentavam e o

capítulo da catedral se enriquecia cada vez mais, à medida que o século avançava. Em 1243, o arcebispo escreveu no seu *De rebus Hispaniae*, a propósito da catedral, que esse monumento, por um trabalho admirável, crescera, dia após dia, provocando grande admiração entre os homens. Em 1300, supõe-se que estavam terminadas a cabeceira, um parte das paredes e, talvez, algumas abóbadas das naves laterais mais próximas do transepto. Quando o arcebispo morreu, em 1247, os trabalhos atingiam aproximadamente o transepto, pois as grandes capelas das extremidades do deambulatório já estavam construídas.

A capela que melhor conservou a sua estrutura do século XIII tem atualmente o nome de *Capilla de Reyes Viejos*. Originalmente, ela chamava-se capela do Espírito Santo. Serviu de lugar de sepultura aos reis de Castela, Afonso VII e Sancho III, antes de sua transferência, em 1289, para a capela de Santa Cruz, atrás do altar-mor. Mais tarde, reuniu-se a eles o corpo de Sancho IV. Foi após 1494 que as estátuas jacentes e os restos dos soberanos foram transferidos para seu lugar atual, depois dos trabalhos do coro. Talvez não se tenha insistido suficientemente sobre o papel funerário da catedral de Toledo, que situava assim esse edifício na tradição hispânica: a predileção dos soberanos pelas fundações nas quais seriam enterrados; ela lhes atribuía um importante suplemento de prestígio, a tal ponto que, posteriormente, nobres e prelados se apressaram a imitar seus reis, prodigalizando doações aos lugares de suas futuras sepulturas. Na catedral de Toledo, o engrandecimento do poder real vinha assim reforçar o poder eclesiástico.

Não é fácil detectar, através das alterações que o tempo fez na catedral, a sua estrutura primitiva. Não se deve esquecer que os trabalhos prosseguiram até além do século XVI. Foi Élie Lambert quem conseguiu traçar, de modo magistral e quase definitivo, o retrato da catedral do século XIII, relacionando-a com as catedrais francesas da mesma época, Notre-Dame de Paris, Bourges e Le Mans. O ambicioso projeto de Rodrigo Jiménez de Rada era a edificação de uma igreja com cinco naves, com um transepto não saliente e um coro cercado de um duplo deambulatório, sobre o qual se abriam irradiantes capelas circulares e quadradas, alternadamente. Não se pode deixar de citar Élie Lambert:

O número de abóbadas do deambulatório exterior é tal em Nossa Senhora de Toledo, que se contavam, originalmente, quinze capelas irradiantes, bem mais do que em nenhuma catedral francesa. A do Mans [...] tem apenas treze; e ainda deve-se incluir nesse número as seis

capelas que se abrem ao longo da parte direita do coro. Em Toledo, as quinze capelas irradiantes cercam unicamente a abside propriamente dita; mas, ao contrário das do Mans, desenvolvidas a ponto de constituir outras tantas verdadeiras pequenas igrejas, as capelas de Toledo são minúsculas e lembram as cinco pequenas absides que foram acrescentadas posteriormente em galeria contra as abóbadas quadrangulares do deambulatório de Bourges. A forma poligonal de cinco panos e seis nervuras das absidíolas que correspondem às abóbadas retangulares do deambulatório de Toledo não deixa de lembrar, no conjunto, as de Bourges. As outras capelas, que se alternam, em Toledo, com essas absidíolas, abrindo-se sobre abóbadas triangulares são menores e de plano quadrado; têm cinco ramos de ogivas, dos quais um, partindo da chave de abóbada, cai sobre um consolo no meio da parede do fundo e a divide em duas metades, tendo cada uma destas uma janela lanceolada. A arquitetura de todas é de notável pureza, e os suportes e abóbadas nelas variam com requintada alternância.

Se Élie Lambert lembra que a alternância das capelas irradiantes era um tema comum para os arquitetos franco-normandos dos séculos XII e XIII, não é menos verdade que em Toledo devia se concretizar um ideal gótico do qual várias catedrais francesas estavam próximas, mas que não realizaram completamente.

Sabe-se que houve dois arquitetos sucessivos na catedral de Toledo. O primeiro, o *maestro* Martín, citado em documentos de 1227 e 1234, teria sido trazido da França pelo prelado? O segundo, Petrus Petri ou Pedro Pérez, morreu em 1291, como prova a sua pedra tumular, que ainda se pode ver numa das capelas do deambulatório. É a ele que se atribui a construção das partes altas do coro, onde se encontram elementos de origem muçulmana combinados com outros puramente góticos.

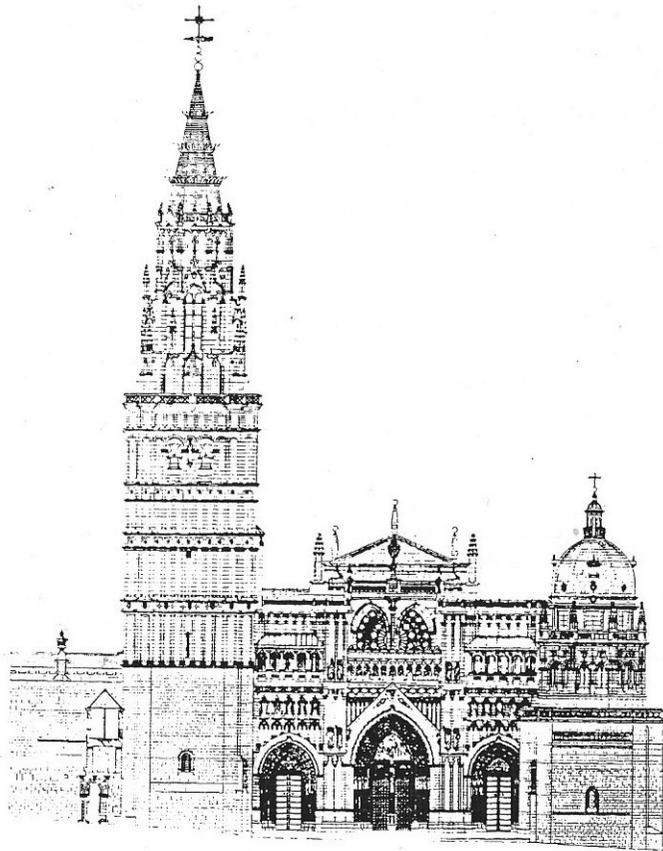
A mudança de arquiteto explica também as mudanças de estilo a leste e a oeste do transepto nas partes do século XIII: de um lado um trifório, do outro uma fenestragem única, iluminando toda a parede, desde a chave das grandes arcadas até as abóbadas altas. Lambert estudou minuciosamente os suportes e observou que os do segundo arquiteto eram muito largos, como se, menos ousado que seu antecessor, não tivesse muita confiança nas formas da arquitetura gótica. A ausência de trifório e a pouca altura da nave central parecem ligá-lo, antes, à escola hispano-languedociana.

Assim, as partes da catedral construídas no século XIII — e vemos que ainda faltava muito para chegar ao edifício que contemplamos hoje — misturam paradoxalmente as soluções do gótico mais avançado, indo além das pesquisas dos arquitetos franceses, com elementos de origem islâmica, como os arcos polilobados do trifório, que lembram

certas combinações de arcos da mesquita de Córdoba, ou os arcos polilobados repousando sobre colunas geminadas de mármore de cor, no deambulatório interior. Lambert perguntou-se se essas formas, também presentes na sinagoga de Santa Maria la Blanca, não reproduziam um motivo da Grande Mesquita. O arquiteto Petrus Petri aderiu assim à tradição de simbiose entre formas cristãs e islâmicas, cara à arquitetura toledana.

Lambert sugeria ainda a possibilidade de uma vontade do arcebispo Jiménez de Rada de perpetuar na nova catedral a lembrança do monumento que ela fora destinada a substituir.

O que os toledanos do século XIII, cristãos, judeus ou muçulmanos, viam concretizar-se nas obras dessa catedral, construída na vanguarda da arquitetura gótica, ainda ao lado, não nos esqueçamos, da antiga mesquita, que ela suplantava pouco a pouco, era a ascensão de um novo poder religioso, ligado, por razões não apenas culturais, mas políticas, a forças vindas de além-Pireneus.



Fachada da catedral de Toledo. Desenho de Gilles Métairie, arquiteto, membro da Casa de Velásquez.

## A arquitetura mudéjar acima das três religiões

GENEVIÈVE BARBÉ COQUELIN DE LISLE

*A partir da pequena mesquita de Bib-Mardom, transformada em igreja, Toledo é construída, cercada de impressionantes fortificações. A arquitetura religiosa mudéjar apresenta fatores de unidade, comprovando a predominância da simbiose cultural sobre as diferenças religiosas entre o Islã, o judaísmo e a cristandade.*

Quando o século XII começa, Toledo foi conquistada há quinze anos aos muçulmanos por Afonso VI de Castela. Capital dos visigodos desde a segunda metade do século VI, a cidade, após sua conquista pelos muçulmanos, tivera um papel relativamente marginal em relação ao califado de Córdoba. Foi assim que os cristãos e os judeus que ali habitavam puderam continuar a gozar de uma liberdade bastante grande, e que sua convivência com a população muçulmana foi relativamente fácil, sendo esta, entretanto, constituída mais por renegados do que por muçulmanos autênticos.

Mas não se deve pensar que a cidade vivia em paz sob o domínio muçulmano. Seus subúrbios foram devastados pelos exércitos de Córdoba no começo do século X, e, depois, sucederam-se levantes e represões sangrentas. A partir de 1032 e até a Reconquista, em 1085, Toledo tinha sido um reino de *taifa* independente e em rebelião contra Córdoba. Os historiadores muçulmanos que a descreveram insistem na invencibilidade de suas muralhas, na altura e solidez de seus edifícios, na beleza de sua ponte e no aqueduto, em cuja extremidade uma máquina hidráulica permitia levar água para a cidade, que era, assim como seus arredores, de uma riqueza excepcional.

No que se refere à população, o excepcional era a persistência de uma numerosa comunidade moçárabe, ao passo que em outros lugares

a Espanha muçulmana expulsara progressivamente os cristãos que ficaram sob o seu domínio.

A Toledo que se convencionou chamar *mudéjar*, com todos os matizes que se deve englobar nessa denominação, é, antes de tudo, não esqueçamos, uma cidade da Reconquista, permanentemente ameaçada. As fortificações que a cercam têm, pois, extrema importância. É por isso que convém determo-nos algum tempo para evocá-las.

Essas fortificações eram, em grande parte, preexistentes, como vimos através do testemunho dos cronistas muçulmanos. É difícil reconstituir o traçado do contorno da cidade sob domínio romano, que se desenvolvia a partir do Alcázar. A porta conhecida como Arco de la Sangre parece ter feito parte dele, mas, como a vemos hoje, sua construção é atribuída à época de Afonso VI. Seu arco em forma de ferradura abre passagem desde o Zocodover em direção ao antigo mercado e ao bairro de Carmen, situado entre a cidade alta ou *madina* e a ponte de Alcântara. Essa parte, espécie de subúrbio, era chamada, sob o domínio muçulmano, Al-Hisén ou Alficén, cidade baixa. No século XIII, elevou-se sobre o Arco de la Sangre uma pequena capela, pela confraria do Cristo de la Sangre.

As muralhas fortificadas da cidade foram reconstruídas pelo rei visigodo Wamba, por volta de 674. Elas incluíam então a Porta de Alcântara, cujas torres, na parte superior, parecem ter sido refeitas na época muçulmana. Também foi o caso de outras portas de origem visigótica, reconstruídas durante os quatro séculos de domínio muçulmano e restauradas sob Afonso VI. Outras portas das fortificações são bem posteriores.

Um dos exemplos mais notáveis da arquitetura militar toledana é a Porta do Sol, também chamada outrora *Puerta Baja de la Herrería*, e, nos documentos moçárabes, *Moaguía*. Essa porta, que apresenta a estrutura tripartida característica das portas toledanas da época, propõe múltiplas interrogações ao arqueólogo, pois se sua parte baixa mostra, com evidência, uma origem muçulmana, as modificações que sofreu depois da Reconquista não são sempre fáceis de datar com precisão. As duas torres foram modificadas após o domínio muçulmano, e arredondou-se a torre exterior. O arco da entrada, em forma de ferradura e construído em cantaria, evoca os arcos do pátio da mesquita de Córdoba, construídos na época de Abd-El-Rahman III, com algumas diferenças no traçado, que coincide, entretanto, com o dos arcos da mesquita toledana de San Lorenzo. Na época cristã, foi acrescentada a fachada que o enquadra com um arco de ferradura, cuja curvatura termina, no alto, em ogiva, e que está inserido num enquadramento retangular, retomando a tradição muçulmana do *alfiz*. Daí a

tentação de datar sumariamente toda a porta do século XIII. A decoração de tijolos e pedras se deveria a obras feitas no século XIV pelos hospitalários.

Parece que essa porta, de importância capital, pois permitia o abastecimento da cidade, formava, com a Porta de Alarcones, chamada torre Arrifáa ou Arricáa pelos documentos moçárabes, um sistema mais complexo. As duas portas teriam sido reunidas por muros. Mas o estudo arqueológico destes e da Porta de Alarcones é atualmente muito difícil, por causa das construções vizinhas e das múltiplas modificações que o tempo lhes impôs.

A Porta de Valmardón ou de Bib-Mardom, de origem islâmica, que dá acesso à cidade alta e à igreja do Cristo de la Luz, servia para pôr em contato a cidade muçulmana com a única zona de Toledo que não era margeada pelo Tejo. Sabe-se que ela foi murada durante muito tempo. É citada muitas vezes, a partir de 1156 e durante o século XIII, em documentos moçárabes, com o nome de Porta do Mayordomo ou de Valmardón. A partir de 1250, parece perder a sua importância para a igreja do Cristo de la Luz, situada nas proximidades. Sofre muitas modificações durante a dominação cristã.

A porta chamada atualmente Porta do Cambrón só foi assim denominada a partir do século XV. Seu aspecto atual mostra profundas modificações, feitas no Renascimento. Entretanto, é muito antiga, como prova a reutilização de fragmentos visigóticos e muçulmanos; a base das torres que ladeiam a entrada e as ameias que coroam os muros laterais comprovam intervenções medievais. Essa porta é mencionada como Porta dos Judeus, a partir do século XII, pois, embora tenha feito parte das muralhas da *madina*, dava acesso ao bairro judaico. É assim mencionada a partir de 1168.

Várias torres de plano circular guarnecem as muralhas que cercam o bairro de San Martín até as proximidades da ponte do mesmo nome, antes da qual desce perpendicularmente até o rio a famosa *coracha*, sistema defensivo de proteção perpendicular à muralha, construído na época cristã seguindo uma disposição de origem islâmica. As muralhas toledanas eram, desde a época de Afonso VI, reforçadas por dois desses dispositivos, assim como por *torres albarranas*, espécie de postos avançados que protegiam essas mesmas muralhas. A torre de la Antequeruela, também chamada *Almojada* ou *Almofala* é um exemplar característico.

Da ponte de San Martín à Porta dos Doce Cantos, podem-se observar restos de muralhas, cuja origem poderia remontar à época de Afonso VI.

As muralhas dos subúrbios foram mais bem conservadas. Protegem os arredores da igreja Santiago del Arrabal, perto da qual se encontra

a Porta Antiga de Bisagra, que também foi chamada Porta de Afonso VI, pois diz a tradição que este a atravessou quando de sua entrada na cidade, em 1085. Sua base é de blocos de granito, provavelmente de época califal, mas atribuem-se a sua decoração exterior, em tijolos e pedras, e as suas ameias a um período que vai do século XI ao XIII. Os defensores podiam ficar na parte alta da torre.

Quanto à Porta Nova de Bisagra, situada um pouco mais longe, é também de origem muito antiga, embora o seu aspecto atual a apresente como uma obra do tempo de Carlos V. Essa porta dava acesso ao cemitério e, quando passavam por ela ao entrar na cidade, as mercadorias pagavam um imposto.

O sistema complexo das fortificações da cidade era ainda completado por fortificações exteriores. Assim, na outra margem do Tejo, havia o castelo de San Servando, ponto estratégico já fortificado sob o domínio muçulmano. No século XII, ele estava em mãos dos templários, depois foi destruído e o edifício que vemos hoje, restaurado, é o que foi reconstruído no fim do século XIV. Nesse sistema, as pontes tinham um papel capital: assim, a ponte de Alcântara permitia ir do castelo de San Servando à cidade, atravessando o Tejo, e, por ocasião da Reconquista, era talvez a única ponte de pedra de Toledo. Deteriorada em 1257, por uma inundação, foi restaurada no ano seguinte, por ordem de Afonso, o Sábio. Dessa época data provavelmente a torre que defende o acesso pelo lado da cidade.

Após 1203, construiu-se a ponte de San Martín, em cantaria. Ela está atualmente como foi restaurada no fim do século XIV e suas torres foram modificadas posteriormente. Além disso, vários pontos permitiam, na Idade Média, a passagem de barco de uma margem para outra e conservam ainda restos de fortificação.

Toledo, sob o califado e até depois da transferência do quartel-general da Marca Média,\* para Medinaceli, continuou sendo uma das cidades mais ricas e mais prósperas do reino, e a que compreendia em sua população a maior proporção de moçárabes e judeus. No que se refere aos santuários muçulmanos, havia, além da Grande Mesquita, hoje desaparecida, outras mesquitas de menor importância, entre as quais nos ficaram as de Bib-Mardom e das Tornerías.

A pequena mesquita de Bib-Mardom ou de Valmardón foi, depois da Reconquista, aberta ao culto católico com o nome de Cristo de la Luz. A análise do edifício muçulmano, de tijolos, não faz parte do nosso estudo, mas o que nos interessa é o coro e a abside de tijolos que lhe foram acrescentados no século XIII e que se diferenciam pouco do resto

\* Ver nota à p. 64. (N.R.T.)

do edifício, com o qual formam um conjunto perfeitamente homogêneo. Embora os construtores tenham renunciado à policromia dos arcos da mesquita, inspirada na de Córdoba, podemos admirar a delicada execução dos arcos polilobados da parte superior dessa abside cristã e os modilhões que a coroam. O interior do edifício conserva ainda, deterioradas, pinturas murais, algumas de inspiração muçulmana, outras de inspiração européia, representando santos, enquanto, na meia-cúpula da abside, a figura do Cristo está cercada pelos símbolos dos quatro evangelistas.

A mesquita dita das Tornerías, situada na rua do mesmo nome, era ainda reservada, no século XII, ao culto muçulmano. Tinha o mesmo plano que a do Cristo de la Luz: nove abóbadas separadas por dez arcos reunidos em quatro colunas, enquadrando a abóbada central. Outra mesquita, situada nos terrenos da igreja do Salvador, foi, segundo a tradição, consagrada ao culto católico pela rainha Berengária.

A igreja de San Lorenzo conserva, na parte baixa da sua torre, uma pequena construção de plano quadrado, com arcos em ferradura, de tijolos, e arcos polilobados na parede, tudo isso inspirado na arte do califado. A igreja, talvez do século XII, foi posteriormente reformada.

Os reis de Castela habitaram nos palácios muçulmanos da cidade. Um deles estava situado entre o Arco de la Sangre e o atual Miradero; era o edifício que se chamava Palácios de Galiana. Ele foi doado, em 1210, pelo rei Afonso VIII, ao grão-mestre da ordem de Calatrava, e, em 1266, os cavaleiros de Calatrava ali reconstruíram a capela de Santa Fé. É no recinto do convento de Santa Fé que se encontra a capela de Belém, capela situada em uma construção proveniente do palácio muçulmano da época califal. De plano quadrado, coroada por uma cúpula repousando sobre arcos entrecruzados, lembra o Cristo de la Luz ou mesquita de Bib-Mardom.

Inseriu-se no fim do século XIII um notável sepulcro, o de mestre Juan Pérez, falecido em 1280, original obra-prima dessa arte de síntese que se convencionou chamar de mudéjar, ornado de estalactites de estuque, interrompidas por esculturas representando anjos e a figura do morto.

A antiga capela de Santa Fé data do tempo dos cavaleiros de Calatrava e foi construída em 1266. É de tijolos e sua abside poligonal é decorada no exterior por arcos em ferradura que se entrecruzam.

A arquitetura religiosa das comunidades cristãs não hesita, pois, em recorrer aos mesmos materiais e esquemas construtivos que a arquitetura muçulmana, harmonizando-os de modo original, com concepções espaciais e uma iconografia inspiradas pela arte românica e depois pela gótica.

Devemos insistir ainda na complexidade do mundo cristão toledano: quando da Reconquista por Afonso VI, havia em Toledo sete igrejas abertas ao culto católico. A maioria delas era de origem visigótica. Eram essas igrejas que se chamavam paróquias moçárabes, pois nelas se continuava a praticar a antiga liturgia desse nome. As novas igrejas foram chamadas paróquias latinas, pois nelas se praticava o rito latino ou romano. Entretanto, essas paróquias moçárabes só tinham o direito de acolher os seus antigos paroquianos e seus descendentes, o que devia acarretar o seu desaparecimento progressivo. Citam-se entre elas Santa María, Santa Justa, San Torcuato, San Sebastián, Santa Eulalia e San Lucas.

Pode-se admirar, em Santa Eulalia, os arcos em ferradura, emoldurados por um *alfiz* (enquadramento retangular), que dividem as três naves do seu plano basilical. As colunas sobre as quais repousam os três arcos são visigóticas.

A pequena igreja de San Sebastián, tal como existe atualmente, deve remontar à época muçulmana, mas encontram-se nela capitéis do século VII. Duas séries de cinco arcos em ferradura destacam o seu plano basilical. Os arcos e alguns suportes são de tijolo e alvenaria. Talvez restaurada no século XIII, a igreja comporta uma cobertura em vigamentos e restos de pintura mural. Pedras tumulares estão embutidas nas paredes; a mais antiga tem a data de 1274. A igreja de San Lucas tem três naves separadas por arcos em ferradura; encontram-se pedras tumulares do fim do século.

San Román fazia parte das paróquias ditas latinas. A igreja atual, cuja construção levanta questões interessantes para o arqueólogo, fora precedida por uma igreja visigótica, de que se encontrou uma parte (indagou-se também se o edifício teria sido utilizado como mesquita); tem três naves, separadas por grandes arcos em ferradura, enquadrados por um *alfiz* e suportados por altas colunas de origem visigótica apoiadas a pilares. É uma vasta construção de 37m de comprimento e 18m de largura. A cobertura em vigamentos é um simples conjunto de barrotes que sustenta, por meio de um forro, uma camada de argila que protege o edifício contra a chuva e o calor.

San Román é citada em documentos moçárabes a partir de 1125 e ao longo do século XII, e sabe-se que o arcebispo Rodrigo Jiménez de Rada consagrou a igreja em 1221. Entretanto, é preciso distinguir as três naves da abside reformada interiormente no século XVI, à qual elas estão unidas. A comparação com outros edifícios toledanos, Santa Eulalia, San Lucas, San Sebastián, permite considerar que se trata de uma construção do século XII, enquanto a abside parece corresponder, por sua decoração exterior, à corrente de influência

castelhana que se manifesta na arquitetura toledana em meados do século XIII.

É o extraordinário conjunto de pinturas murais do século XIII que confere às duas construções díspares de que se constitui o edifício o seu caráter unitário. Como precocemente observou Élie Lambert, "esse é um conjunto de temas iconográficos cristãos combinados com motivos decorativos muçulmanos, que faz dessa igreja toledana um monumento único na história da arte espanhola". Comparam-se essas pinturas com as de Cristo de la Luz e sugeriu-se que os mesmos artistas trabalharam nas duas igrejas.

Quanto à torre, que se supõe ter sido originalmente separada da igreja e que os historiadores dataram muito diversamente, parece ser do século XIII, se se considera a sua semelhança com a de Santo Tomé, também decorada com arcos polilobados e uma frisa de arcos cegos que se apóiam sobre colunetas em cerâmica vitrificada de cor viva.

É no bairro chamado Arrabal, espécie de subúrbio ao qual se chegava pela Porta de Bisagra, bairro habitado por oleiros em razão de sua proximidade do rio, que se encontra a igreja de Santiago del Arrabal, isolada desde a sua restauração em 1958, o que valoriza a sua arquitetura, mas a privou do bairro paroquial que a cercava. Esse edifício é muito interessante, porque, não tendo sofrido modificações na época do Renascimento e na do barroco, pode nos dar a imagem do que foram muitas paróquias toledanas a partir do século XIII.

A igreja é citada desde 1125, e é por volta dessa data que a torre foi construída, independente da igreja e situada contra a sua cabeceira. Essa torre apresenta a estrutura de minarete, habitual nas torres das igrejas mudéjares: duas torres concêntricas entre as quais há uma escada. A parte alta é posterior e poderia datar de meados do século XIII, época na qual a igreja foi construída. Nota-se uma forte influência islâmica nas duas janelas geminadas emolduradas por um *alfiz*, que também estão presentes na igreja San Bartolomé e em uma miniatura das *Cantigas* de Afonso, o Sábio.

O interior da igreja comprova a influência da arte francesa que se manifesta então em Toledo. Como observaram Gómez Moreno e Torres Balbás, abandonam-se as formas tradicionais do arco em ferradura na separação das naves e a coluna, preferindo-se o arco gótico e o pilar circular. As capelas da cabeceira têm todas a mesma forma e abandonam o plano quadrado ou circular. As proporções da nave principal também evoluem, sob a influência da arquitetura gótica, em direção a uma maior esbeltez. Não se abandona, entretanto, o emprego da cobertura em vigamento, segundo os princípios do que se chamou *carpintería*

*de lo blanco*, para designar essa técnica de origem muçulmana. É apenas no exterior que persiste a influência da mesquita de Córdoba e a do Cristo de la Luz, com uma organização das fachadas próxima da Porta do Sol e que persistirá nos palácios toledanos até o século XVI.

Evoquemos a presença judaica em Toledo, cuja importância devemos lembrar uma vez mais.

Houve na cidade dois bairros judaicos ou *juderías*. Um deles já existia na época muçulmana, durou até 1492, e tinha o nome de *Judería Mayor*; o outro, a *Judería Menor*, estava localizado em um setor próximo à catedral, onde ele se formou em fins do século XIII e foi destruído no fim do século XIV. Aparentemente, esses bairros não se distinguiram do resto da cidade. Bem tolerados pelos muçulmanos, os judeus tiveram um papel essencial na transmissão dos conhecimentos entre o Oriente e o Ocidente, papel que foi particularmente brilhante na Toledo dos séculos XII e XIII.

A população judia da cidade aumentou consideravelmente após a reconquista cristã, por causa da chegada de muitos judeus de al-Andalus, fugindo das perseguições dos almorávidas e depois dos almôadas.

Localizaram-se com alguma exatidão os limites do bairro judaico, cujo núcleo essencial ia da atual Porta do Cambrón, outrora Bab-al-Yahud ou Porta dos Judeus, até Santo Tomé, deixando ao lado o bairro cristão de San Román. As muralhas desse bairro desciam depois até o rio, limitadas no exterior pelas paróquias de San Cristóbal e San Cipriano. No fim do século XII, estendia-se até o rio, perto de Bab-al-Portiel, Porta do Portiel, segundo um documento de Afonso VIII, datado de 1183. Havia uma sinagoga perto dessa porta. As muralhas do bairro eram completadas por dois castelos, e seu traçado urbano era similar ao dos outros bairros da cidade. Havia vários banhos e um mercado funcionava perto da absida da igreja de San Martín, hoje desaparecida.

A princípio agricultores, dedicando-se essencialmente ao cultivo da vinha, depois comerciantes, com um desenvolvimento florescente de sua atividade nesse último setor, os judeus desempenharam importante papel nos movimentos financeiros. Seu apogeu cultural ocorreu no reinado de Afonso X. Nos séculos XII e XIII, a coexistência entre judeus e cristãos foi, em geral pacífica, ao contrário do século seguinte.

Resta-nos um único testemunho dessa época, referente aos judeus toledanos: a sinagoga de Santa María la Blanca, nas proximidades da qual se encontravam os banhos de origem muçulmana, construídos no século XI, que funcionavam como banhos litúrgicos para a purificação.

Paradoxalmente, esse edifício capital na história da arquitetura européia continua sendo um dos mais enigmáticos da história da arte na Idade Média, tanto no que diz respeito à sua identificação entre as diversas sinagogas citadas pelos textos, quanto por sua cronologia, que flutua, segundo os autores, entre a segunda metade do século XII e o fim do século XIII.

A fascinação que causa o interior da sinagoga desvia a atenção do conjunto de sua arquitetura. É importante observar que a cobertura atual é uma construção muito recente e que, originalmente, os cinco telhados da sinagoga eram de duas vertentes, como os da mesquita de Córdoba, sendo o edifício iluminado pela frisa de arcadas situadas acima das naves laterais e da nave central. A entrada não era situada na fachada oeste, a nave da sinagoga era mais longa: a parede atual, que faz as vezes de fachada, é apenas um preenchimento da galeria destinada às mulheres.

Pode-se dizer, como Torres Balbás, que a construção corresponderia a um primeiro período e a decoração a uma data posterior? Também se sugeriu a existência em Toledo de um núcleo de arte almôada na época de Afonso VIII, que teria produzido, além da sinagoga, algumas partes da igreja San Andrés, e que também se poderia relacionar com a capela da Asunção em Huelgas de Burgos.

É certo que os comanditários da sinagoga toledana queriam rivalizar com Huelgas, e Pavón Maldonado considerou a decoração interior da sinagoga mais evoluída do que a do monastério de Burgos. Afirmou-se, entretanto, que a arte de Santa María la Blanca se consolida mais na tradição local e lembra em certos pontos San Román. Lambert não deixou de notar que esse edifício, que Torres Balbás tinha inserido num estudo sobre a arte almôada, era influenciado, em sua disposição, pela arquitetura cristã.

A complexidade, que se afirma uma vez mais aqui, revela uma simbiose entre as formas islâmicas e as da arquitetura gótica. E se conservamos em último lugar a visão dos grandes arcos em ferradura, de uma brancura ofuscante, repousando sobre colunas de seção poligonal, coroadas por capitéis, em que a pinha, trabalhada com a broca, destrona o acanto tradicional, devemos constatar que estamos diante de uma forma de arte de extremo refinamento. Evidentemente — e o exemplo toledano dá o seu testemunho magistral — essa arte, chamada *mudéjar*, é muito mais do que deixava entender a definição tradicional de arte cristã, na qual a mão-de-obra muçulmana — ocasionalmente também cristã ou judaica — perpetuava formas herdadas do Islã, uma criação que espelha a complexidade histórica da sociedade na qual ela se desenvolveu.

## Um passeio pela Toledo medieval

JULIO PORRES DE MATEO  
DOLORES DE PAZ ESCRIBANO

*Seja qual for o caminho que se tome para entrar na cidade, chega-se à praça do Zocodover. De origem muçulmana, seu nome vem do árabe, Suq-al-dawab, "mercado de animais". Lá funcionava tradicionalmente a feira, mercado semanal em que se confraternizavam todas as classes sociais.*

Três séculos e meio de domínio deram a Toledo todas as características das cidades muçulmanas de al-Andalus. O tecido urbano, de tipo medieval, tinha forte sabor islâmico, no emaranhado de suas ruelas, que o aparentava aos velhos bairros de Granada e Córdoba ou das cidades da África do Norte.

Durante muito tempo, Toledo fora uma cidade romana; foi até sede da monarquia visigótica, continuadora do Império. Essa época deixou poucos vestígios: os grandes blocos de cimento do Circo e do Aqueduto, despojados de seu antigo revestimento de granito; fragmentos de cornijas e de cantaria, reutilizados nas paredes de edifícios posteriores; e a ponte de Alcântara, a maior obra ainda de pé.

Quanto aos visigodos, é ainda pior: nenhuma construção lembra a sua passagem pela cidade. Conservaram-se muitas pilastras, colunas, baixos-relevos decorados com motivos típicos de sua cultura, mas nem igrejas, nem palácios, nem edifícios públicos, embora se saiba que eles construíram a primeira residência real de Toledo, o palácio de Galiana, assim como muitos mosteiros e outras igrejas paroquiais. Uma parte das muralhas com as quais cercaram a cidade continua intacta, o Muro de Azor, entre as Portas de Valmardón e de Alarcónes.

A chegada dos muçulmanos, árabes e norte-africanos mudou radicalmente o aspecto de Madina Tulaytula (Cidade de Toledo). Além das ruas, estreitas e sinuosas, as novidades se manifestam no uso de

materiais como argamassa, gesso, tijolo, pedra e madeira entalhada, segundo técnicas de construção e decoração próprias, que originaram o "mudéjar toledano".

A cidade que Afonso VI restituiu ao mundo político cristão era bem povoada. As grandes famílias nobres, ricas e guerreiras abandonaram-na, mas permaneceram nela excelentes agricultores e artesãos muçulmanos, ou mudéjares. Entre estes, pedreiros e construtores que dominavam técnicas específicas e que, durante toda a Idade Média, remodelaram velhos edifícios e construíram outros, num estilo que imporão durante séculos, influenciando todas as correntes novas que chegarão a Toledo. Esse modelo mudéjar se impôs com tanta força aos nobres e aos reis que foi exportado: o mosteiro de Las Huelgas de Burgos, no coração da Castela cristã, é uma das obras-primas dos mestres pedreiros toledanos do século XII.

Quando se vê Toledo a partir do norte, compreende-se por que a cidade nunca foi invadida. Sólidas muralhas fortificadas defendem a elevação sobre a qual se ergue a cidade na única direção que não é protegida pelo Tejo. Nos séculos XII e XIII, as muralhas pareciam ainda mais impressionantes, pois nada as dissimulava à vista. No século XII, os soberanos cristãos trataram de reforçar as fortificações da cidade, para enfrentar as tentativas dos muçulmanos que procuravam retomá-la.

Ao norte, a Porta de Bisagra constituía a sua principal entrada — sua reforma, no século XVI, recobriu a porta árabe —, mas também se podia passar pela Porta de Afonso VI, pela Porta do Cambrón ou pela de Almofala ("o vau", em árabe), ou ainda pela porta que se abria para a Ponte de Alcântara. A muralha envolvia inteiramente as zonas habitadas. Era mais vulnerável nos setores defendidos pelo rio.

Atravessada a Porta de Bisagra, penetrava-se no Arrabal, subúrbio de origem muçulmana fortificado no século XI por Afonso VI. Sua igreja, dedicada ao apóstolo São Tiago, construída nos séculos XII e XIII, é um dos mais belos exemplos de arquitetura mudéjar. Talvez ela tenha ocupado o lugar de uma antiga mesquita, como parece indicar o seu campanário, independente da igreja, que apresenta características próprias aos minaretes muçulmanos. Outras igrejas da mesma época, San Antolín, Santa Leocádia, San Yuste, Santo Tomé, a Magdalena e San Román, elevam-se em diversos pontos da cidade, também construídas de tijolos e alvenaria, decoradas com arcos duplos e entrelaçados. Arcos em ferradura dividem seu interior em três naves, fechadas por absides semicirculares e cobertas por tetos de madeira com painéis ricamente decorados.

A rua principal leva ao Muro de Azor, único vestígio das muralhas visigóticas, que se atravessa pelas Portas de Valmardón e Alarcones, esta última hoje eclipsada pela magnífica Porta do Sol, construída no século XIV.

Ao lado da Porta de Valmardón encontra-se a mais preciosa jóia da arte califal em Toledo, a mesquita do Cristo de la Luz. Erigida em 999, é o exemplo mais antigo de utilização de tijolos em relevo na fachada, para formar uma decoração de arcos entrecruzados. Encontra-se ali um texto comemorativo de sua construção, em caracteres cúficos, também de tijolos. No interior, nove abóbadas com nervuras chamam a atenção; são todas diferentes, a exemplo do *mihrab* da mesquita de Córdoba. Cristianizou-se a mesquita no século XII, acrescentando-lhe uma absíde decorada com arcos mudéjares no exterior e pinturas românticas no interior.

Assim como os muçulmanos tomaram para seu uso as igrejas, um processo de cristianização afetou, na mesma época, muitas mesquitas. Das 11 que se conhecem, nove foram recuperadas pelos cristãos: a catedral Santa Maria, as igrejas de San Salvador, San Andrés, San Sebastián, a capela de Belém, o Cristo de la Luz e três outras, hoje desaparecidas, San Lorenzo, San Cristóbal e San Ginés.

Seja qual for o caminho que se tome para entrar na cidade, chega-se à praça do Zocodover. De origem muçulmana, seu nome vem do árabe, *Suq-al-dawab*, "mercado de animais". Lá funcionava tradicionalmente a feira, mercado semanal em que se confraternizavam todas as classes sociais. A muralha de Alficén (*al-hizam*, a cercadura) a fechava de um lado: ela delimitava o bairro reservado aos governadores muçulmanos, a zona do palácio e das casernas, precursora do atual Alcázar. O palácio de Galiana, assim chamado porque dominava os acessos à ponte de Alcântara, passagem obrigatória na estrada das Gálias (*ad Gallias*), constituía o principal conjunto de edifícios nobres da cidade. É lá que se situa uma das canções de gesta do ciclo de Carlos Magno, em que o imperador se apaixona pela princesa Galiana, filha do rei mouro Galafre de Toledo. Foi no Alficén que Afonso VI instalou o convento de Santa Fé, que compreendia a capela de Belém, antigo oratório do rei al-Ma'mun.

A praça do Zocodover faz parte de uma ampla zona comercial, que se prolonga até a catedral. Compreende o bairro dos Francos, em torno da praça da Madalena e da rua dos Torneiros, onde se instalaram os imigrantes além-Pireneus, que chegaram depois de Afonso VI, quando da reconquista da cidade. Depois, vinha o mercado da seda (Alcaice-

ria), onde se fazia o comércio dos produtos mais ricos, e que atraiu os comerciantes judeus para o bairro da rua dos Mercadores (Alcana), em torno da praça das Quatro Ruas e da rua da Sinagoga. Na rua dos Torneiros, elevava-se, no começo do século XII, a última mesquita construída pelos muçulmanos, a partir do modelo simplificado do Cristo de la Luz, e que, segundo toda probabilidade, utiliza como alicerces as fundações de um reservatório de água romano.

Perto da rua dos Mercadores, começou-se a construir, a partir de 1226, o maior edifício gótico de Toledo, a catedral Santa Maria. Substituiu a Grande Mesquita dos muçulmanos, convertida em igreja pouco depois da conquista, sem quase nenhuma transformação. Em meados do século XIII, já se podia perceber a magnificência da construção, com seu duplo deambulatório, projetado por mestre Martin, que retomava, aperfeiçoando-o, o modelo da catedral de Le Mans. No fim do século, podia-se desfrutar a beleza das esculturas da Porta do Relógio.

A catedral gótica é, por excelência, o templo dos cristãos de rito latino. No século XII, outros cristãos, os moçárabes, também reconstruíram suas igrejas. Elas apresentam o mais antigo estilo mudéjar de Toledo: Santa Eulalia, San Lucas, Santas Justa y Rufina e San Sebastián, esta última sem absíde, herança talvez do seu passado como mesquita. Segundo as mesmas técnicas, construiu-se a igreja latina de San Román, que se distingue por sua decoração interna com pinturas românticas representando os santos cristãos com vestes muçulmanas, obra, em parte, do pintor anônimo que decorou a absíde e o coro do Cristo de la Luz.

Perto da igreja de San Román, a oeste da cidade, se encontrava a *Judería Mayor*, cercada por suas próprias muralhas desde a época muçulmana. Depois da conquista cristã, a imigração dos judeus de al-Andalus, expulsos pela intransigência de seus novos senhores norte-africanos, almorávidas e almôadas, aumentou a sua população. O bairro pareceu-se com o resto da cidade, com suas ruas tortuosas e muitas ruelas. As sinagogas, seus principais monumentos — conhecem-se pelo menos onze — eram construídas no estilo dominante, o mudéjar. A mais bela, sem dúvida, Santa María la Blanca, é obra de pedreiros mudéjares e apresenta traços característicos da arte almôada. Notam-se principalmente a originalidade de seus capitéis decorados com pinhas sobre pilares octogonais, assim como a pureza e a perfeição de seus painéis decorativos.

A *Judería* abrigava vários estabelecimentos para os banhos rituais, como o da rua do Anjo, e aquele em que habitava, no século XIV, Samuel Levi, hoje Casa-Museu de El Greco. Esses balneários se pareciam muito com os banhos muçulmanos que estão dispersos pela



cidade, como os do Cenizar ou de Yaix, os de Caballel ou os da Bajada del Pozo Amargo. Todos têm três ou quatro salas abobadadas, de temperaturas diferentes.

A *Judería Mayor* tinha em seu seio duas fortalezas, uma da época muçulmana, outra da época cristã, chamadas no século XIII castelos Velho e Novo, separadas por uma rua. Erguiam-se na extremidade noroeste do bairro, onde as suas próprias muralhas se aproximavam até quase tocá-la através de uma das principais portas da cidade, a Porta dos Judeus, Bab-al-Yahud, que se tornou mais tarde a Porta do Cambrón.

Perto dela se encontrava a ponte de barcos da Cava. Era ligada à margem por uma grande torre que se abria para o Rio por meio de duas portas, de alturas diferentes: fixava-se a passarela em uma ou outra, em função do nível do rio. No leito deste, dois pilares de cimento ajudavam as barcas a resistir à corrente. Entretanto, eles eram regularmente destruídos por ocasião das cheias, e foi preciso reconstruí-los várias vezes durante os séculos XII e XIII. A fragilidade dessa obra levou à construção, nas proximidades, no século XIV, da ponte de San Martín, uma soberba obra gótica. A jusante, o curso do rio se alarga e se acalma, permitindo aos hortelões mudéjares, cristãos e até algumas vezes judeus, irrigar, com auxílio de rodas e noras, as vastas *huertas* do fértil vale de Toledo, dos dois lados da cidade.

## A escola de tradutores

DANIELLE JACQUART

*Meio século após sua reconquista, a cidade pode se orgulhar de possuir um centro de tradutores excepcional. A presença de moçárabes e judeus que conheciam o árabe, conjugada aos numerosos manuscritos disponíveis, atraiu muitos eruditos. Entre estes, Gerardo de Cremona traduziu para o latim tratados de filosofia, matemática e medicina.*

Cinquenta anos após a reconquista da cidade pelos cristãos, Toledo tornou-se um centro de traduções, cuja atividade não pode ser comparada a de nenhum outro na Idade Média latina. A presença de moçárabes e judeus que conheciam o árabe, a possibilidade de ter à mão muitos manuscritos, atraíram eruditos de diferentes países da Europa. Mesmo que a denominação de "escola", durante tanto tempo utilizada, não pareça apropriada, houve, em Toledo, verdadeiras equipes de tradutores, que poderiam ser qualificados de "profissionais".

Desde 1133-42, João de Sevilha, provavelmente um moçárabe, traduziu do árabe para o latim vários tratados científicos: ele dedica ao arcebispo Raimundo o opúsculo de Qusta ibn Luqa *Da diferença entre o espírito e a alma*. Na segunda metade do século XII, instala-se em Toledo o mais prolífico dos tradutores medievais: Gerardo de Cremona, que, possivelmente com a ajuda de colaboradores, traduz para o latim um número impressionante de obras referentes à filosofia, à astronomia, às matemáticas, às ciências ocultas, à medicina. Como o arcediogo Dominicus Gundissalvi, que colaborou na tradução da filosofia de Avicena, Gerardo de Cremona manteve laços estreitos com o capítulo e o arcebispo João. No começo do século XIII, Toledo continuou a ser o ponto de encontro dos tradutores. Entre os mais ilustres, deve-se citar o futuro sábio da corte de Frederico II, Miguel Scot, autor